ISSN 1984-6169

REVISTA BRASILEIRA DO CARIBE

caribe.revista@ufma.br

PPGHis|UFMA
História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes
Grupo de Pesquisa GMAD
Estudos do Mundo Atlântico e suas Diásporas

CC BY

RESENHA | FLUXO CONTÍNUO

https://doi.org/10.18764/1984-6169v26e28177

Rotas transatlânticas de Beatriz Nascimento.

pt Resenha da obra *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*

Rutas transatlánticas de Beatriz Nascimento.

es Reseña de la obra *Todas as distâncias: poemas, aforismos e ensayos de Beatriz Nascimento*

Transatlantic Routes by Beatriz Nascimento.

en Review of the work *Todas as distâncias: poemas, aforismos e ensayos de Beatriz Nascimento*

Luanda Martins Campos
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UFMA). Mestra em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA). Professora dos Anos Iniciais SEMED/ São Luís.

https://orcid.org/0000-0001-5742-3571

http://lattes.cnpq.br/9174678695139359

lua.lumartins@gmail.com

RECEBIDO | 23 nov. 2025 – APROVADO | 5 jan. 2026

REFERÊNCIA

RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (Org.). **Todas [as] distâncias:** poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

"É preciso olhar o passado com olhos no futuro".
(Ensinamento do adinkra Sankofa, povo Akan).

Esse foi o ensinamento que mobilizou a bailarina Bethania Gomes a ir em busca de sua mãe através da publicação de seus textos inéditos, especialmente os poemas. E, nesta busca, encontrou o professor, antropólogo, geógrafo e poeta Alex Ratts no mesmo intento de retornar a ver Beatriz, em sua forma e poesia. Assim, o Sankofa se faz na prática do trabalho minucioso de análise, digitação de textos manuscritos e datilografados para trazer de volta a essência, a subjetividade de uma intelectual negra, nordestina, mais atual do que nunca no campo historiográfico da população negra latino-americana e caribenha.

Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), mulher negra, sergipana, se formou em História, no Rio de Janeiro, onde viveu e construiu pontes entre memórias e lutas. Foi militante do Movimento Negro Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), nome anterior do Movimento Negro Unificado (MNU), e em 1975, idealizou e coordenou o Grupo de Trabalho André Rebouças, na Universidade Federal Fluminense, de debate sobre arte, história e cultura negra. Foi desse grupo que saiu a ideia do documentário Orí (1989) – sua obra mais conhecida – dirigido por Raquel Gerber.

A transatlanticidade de Beatriz Nascimento concebe o corpo como suporte de registro documental e cultural: o corpo-documento, o corpo-mapa, o quilombo em movimento. Nesse sentido, é seu próprio corpo, enquanto historiadora negra, que serve de ponto de partida para compreender o ser negro e compor uma negritude capaz de contribuir para a mobilização coletiva. Esta negritude é aqui entendida como uma tomada de consciência histórica e política na defesa da memória coletiva, a qual mobiliza ações contra todas as formas de opressão (Césaire, 2010; Ratts, 2024).

O conceito de negritude, cunhado pelo martiniquenho Aimé Césaire na década de 1930, dialoga intimamente com a prática literária e política de Beatriz Nascimento nos anos de 1980 e 1990 até sua violenta partida em 1995. Ser atlântica, como tanto Beatriz fala em seus textos, poemas e entrevistas, é a experiência das subjetividades afrodiaspóricas. Uma experiência de transmigração, tendo o corpo como território. Palenques, cimarronages e quilombos são reenraizamentos dessas subjetividades que traçam rotas

interculturais para entender nossa amefricanidade (Césaire, 2010; Gonzalez, 1988; Nascimento, 1989; 2021).

A identidade coletiva, ancorada na ancestralidade e na memória afrodiaspórica traz, ao campo da História, outras categorias de análise para a historiografia amefricana. A memória, a subjetividade, o corpo-documento que formam a transatlanticidade desta negritude passam a ser fontes documentais. Com isso, urge contribuir com este Sankofa trazendo de volta a memória individual e coletiva de Beatriz Nascimento, afirmando que o historiador, a historiadora é, antes de tudo, ser humano (Vieira, 2025).

A negritude, segundo Césaire (2010), é um conceito para além do reconhecimento estético de ser negro. Diz respeito a encontrar a si mesmo sem precisar, obrigatoriamente, atravessar de volta o Atlântico. Assumir a sua negritude é ato político que necessita dialogar com sua subjetividade. Somos seres históricos, políticos, mas, sobretudo, humanos dotados de afetos e emoções. Assim, o ser negro, compreendendo-se enquanto humano, olha para si próprio e se reconhece como um território vasto, diverso, com dilemas e projeções sobre a realidade.

Essa é a proposta da obra **Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**, organizada por Bethania Gomes e Alex Ratts, lançada em 2015 pela editora Ogum's Toques Negros. Para os organizadores, "o importante é tornar público uma parte significativa da escrita que consideramos representativa da trajetória pessoal e pública, artística e política de Beatriz Nascimento, de seus contextos, de seu tempo-espaço" (Ratts; Gomes, 2015, p. 17). Além dos textos de Beatriz, a coletânea traz contribuições de Arnaldo Xavier, Conceição Evaristo, Christen Smith, Iléa Ferraz e Lúcia Gato.

Assim como em um sarau, o livro inicia com poesia. E é a voz de Conceição Evaristo que traz, como uma mística literária, Beatriz Nascimento através do poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres*. Poema publicado originalmente no volume 19 dos Cadernos Negros, em 1996, um ano após o assassinato de Beatriz Nascimento, vítima de feminicídio, ao tentar defender uma amiga da violência do então companheiro. O crime não apagou o legado de Beatriz na defesa das mulheres negras e, no poema, Conceição Evaristo enaltece sua memória, sangue e resistência. Alex Ratts e Bethania Gomes apresentam a obra somente após este momento místico e ancestral, quando o pesquisador fala da importância da intelectual e a filha fala da memória e reencontro com a mãe. Assim, o livro se organiza em poemas, aforismos, ensaio e leituras de longe-perto.

Os poemas de Beatriz Nascimento estão organizados em três partes. São textos inéditos, manuscritos e/ou datilografados. Alguns com datas e local, outros com destinatários, mas todos relacionados a momentos de composição de sua subjetividade en-

quanto mulher e historiadora negra brasileira. **Parte 1: Próxima, primordial**, traz a Beatriz filha, irmã, mãe, como no poema *Betha* para Bethânia Gomes.

> Mulher é como ser
> Vagarosa tartaruga
> Que silenciosa desova
> E povoa o mar
> Que solitária retorna
> A origem de seu destino
> Nadando como peixe
> Quando deveria estar
> Voando como pássaro [...]
> (Ratts; Gomes, 2015, p. 28)

Nesta parte, o poema *Paciência* foi direcionado a seu pai e escrito em 16 de outubro de 1986. É deste poema que os organizadores retiram o título da obra.

> [...] Em mar sereno
> Penso em mim
> Todas (as) distâncias
> Rude apelo, mera ânsia
> De uma imortal promessa
> Do fim, princípio do fim
> Amor que guardo em mim
> Em longa fila de espera
> (Ratts; Gomes, 2015, p. 26)

Na **Parte 2: Mítica, histórica**, Beatriz reverencia sua ancestralidade. Inicia essa parte com poema dedicado a *Legba*, entidade africana de origem ewe/fon e que fundamenta o próprio conceito de transatlanticidade. Os poemas reverenciam orixás, rotas ancestrais, Zumbi, Palmares e o quilombo como corpo oprimido, mas um corpo coletivo de luta. Como no poema *Transgressão,* denunciando a chacina em favelas – nesse caso, no Morro Dona Marta, no Rio de Janeiro.

> [...]No quilombo onde já aconteceu
> Em algum tempo da história
> Que na memória feneceu
> Jamais foi contado
> Pois lá era a mesma gente
> E o país urgentemente
> Apagou da mente
> A verdade que passou
> Mas não é passado é presente
> Pra que repetição?
> É necessário que abafes
> O ruído das sirenes
> Que perturbam o ambiente
> Dividindo os homens
> Entre bons e maus
> Entre nós e eles
> Entre vivos e mortos.
> (Ratts; Gomes, 2015, p. 47)

Na **Parte 3: existencial, cósmica**, Beatriz aporta em sua saúde mental afetada especialmente pelas consequências do racismo e a busca de respostas dentro de si. Como no poema *I (Fazem-me lembrar relíquias)* (p. 60) e em *Rotas*, escrito em 12 de agosto de 1987. Rota é palavra constante nas falas e poemas de Beatriz e simboliza a ampliação de sua transatlanticidade que, segundo Ratts (2024, p. 136), "se move por essa cartografia cultural, consciente ou inconsciente. Em transe ou em trânsito".

> Quantos caminhos percorro
> A quantos choros recorro
> Ao fim de cada cansaço
> O que é aquela cama
> Que daqui observo?
> Vazia e desfeita
> Como o acontecido?
> Quantas perguntas me faço
> Se certo ou errado, ou pura desatenção?
> Se procedente ou contrário [...]
> (Ratts; Gomes, 2015, p. 66).

Após os poemas reunidos, a obra apresenta alguns aforismos, ou seja, ideias e conceitos pensados e anotados por ela. Textos curtos, de linguagem simples e objetiva que dizem muito, como em *Como começou*, direcionado ao sociólogo, poeta e dramaturgo Eduardo Oliveira e Oliveira. "Tudo começou com Eduardo. É preciso saber de onde se vem, para saber aonde se vai. E eu já estava. Já não ía, nem vinha" (Ratts; Gomes, 2015, p. 83).

Os ensaios fecham os escritos de Beatriz, nesta obra, trazendo debates e análises da historiadora em seu processo de tomada de consciência da negritude como ponto de partida para análises acerca da historiografia africana e amefricana.

Em *Meu negro interior*, esta ação fica evidente pois descreve sua experiência com o racismo e questiona a noção assimilacionista do ser negro como um "behaviorismo simplista e folclórico" (Ratts; Gomes, 2015, p. 99), parte de uma amnésia coletiva, assim como Aimé Césaire também descreve o distanciamento do ser negro da sua negritude, esquecendo-se de sua verdadeira raiz.

A obra finaliza com **Leituras de longe-perto**, uma reunião de textos sobre Beatriz e sua contribuição intelectual e militante. Nesta parte, Arnaldo Xavier, Alex Ratts, Lúcia Gato e Christen A. Smith, apresentam seus testemunhos enquanto pessoas próximas a Beatriz, confirmando suas concepções e categorias confluentes da sua subjetividade. Como relata Lúcia Gato, professora, atriz e militante do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza, com seu texto intitulado *Cabeça de Negra: a poesia atlântica na construção da cena*.

> Essa violência histórica que corrompe nossa força expressiva e propositiva e tenta neutralizar nossas subjetividades tratando-nos como massa inócua, a ser

> modelada, pode, sim, ser superada, na medida em que valorizemos nossos códigos de construção do saber, nossa ancestralidade e a forma como compreendemos o mundo, o que consequentemente passa a implicar em novas formas de intervenção. Assim ao ter contato com sua poesia, tive contato com o inquieto, que ali se apresenta.
>
> Foi a resiliência, que emergia de suas linhas, que a princípio me arrebatou e, como se diz à moda maranhense, "foi bem aí" que olhei nos olhos de Beatriz. Tive medo, e suspeitei ser difícil dizer da potência que ela trazia não só no corpo de seu poema, mas nas entrelinhas, no subtexto, me tornei cúmplice das suas horas de insônia e comprimidos (Ratts; Gomes, 2015, p. 133-134).

Nesta transatlanticidade de Beatriz Nascimento, a encruzilhada é o fundamento que permite ao corpo negro encontrar-se e reencontrar-se em vários momentos, contextos e subtextos. O livro é uma forma de encontrar ou reencontrar Beatriz, pegando elementos deixados pelos caminhos percorridos por quem veio antes. O racismo adoece e a construção da negritude não é tarefa simples, por isso se faz em coletividade.

A obra **Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**, aprofunda o questionamento sobre a historiografia colonial na América Latina e no Caribe. Nela, as falas de Beatriz Nascimento convocam intelectuais negros e negras à tarefa vital de escrever a história a partir de suas próprias subjetividades e do diálogo intercultural amefricano, posicionando-se como sujeitos históricos, e não meros objetos de estudo. Assim, Ratts e Gomes (2015, p. 18) acertam ao afirmar que "É mais um retorno de Beatriz Nascimento. Ela está voltando". Nas conexões ancestrais da negritude, o passado se aproxima quando a memória é valorizada, tornando a evocação de sua natureza cósmica e historiográfica indispensável na atualidade.

REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010. Organização de: Carlos Moore.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. Organização de: Alex Ratts.

ÔRI. Direção de Raquel Gerber. Produção de Ignácio Gerber. Roteiro: Beatriz Nascimento. Música: Naná Vasconcelos. [S.L.]: Angra Filmes Ltda, 1989. (93 min.), son., color.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**. Lugares e rotas de Beatriz Nascimento. 2. ed. São Paulo: Oralituras Editora; Fundação Rosa Luxemburgo, 2024.

RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (Org.). **Todas [as] distâncias:** poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. História e literatura: múltiplas questões e possibilidades. **Estudos Históricos**, v. 38, 2025. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/93727/87625.